



## **CONCEITO DE OBJETIVIDADE NO JORNALISMO: uma retomada para a historicidade do conceito a uma definição filosófico-jornalística com base nas pesquisas de Stephanie Martin<sup>1</sup>**

Gabriel de O. Pereira Knoll<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

### **Resumo**

O presente trabalho aborda alguns dos autores da área do jornalismo e suas referências ao termo objetividade. Construindo brevemente uma historicidade do termo objetividade junto ao jornalismo e à filosofia, ver-se-á alguns problemas conceituais no que diz respeito à essência e história levantada por ambas as áreas. A filosofia, de um lado, acrescenta uma vasta história do termo percorrendo até a filosofia clássica grega, enquanto que o jornalismo passa despercebido destas questões conceituais abordadas na filosofia, imputado uma conceitualização de breve história e sem ligações com problemas mais íntimos da filosofia. Tratando assim este termo, ele passa a ter sua relevância na teoria do conhecimento do jornalismo, transformando este problema num problema epistemológico.

### **Palavras-chave**

Objetividade; Jornalismo; epistemologia; epistemologia do jornalismo.

### **Apresentação do problema: uma breve história sobre o conceito de objetividade no jornalismo e na filosofia**

O problema da objetividade enquanto conceito filosófico pode ser remontado desde a época da Filosofia Clássica Grega (WARD, 2006). Na área do jornalismo inúmeros trabalhos também mencionam o termo, porém ele é anunciado com uma historicidade distinta à filosofia e também é interpretado com perspectivas distintas umas das outras, tornando o objeto de estudo um termo polissêmico (SPONHOLZ, 2009), de difícil compreensão (SCHUDSON, 1978) ou de relativa identificação (GAUTHIER, 2004).

A idéia principal construída pelos gregos de objetividade, segundo a visão de Stephen Ward, é de um conceito que descreve as coisas do mundo enquanto coisas *no*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. E-mail: pereiraknoll@hotmail.com



mundo (WARD, 2006). A percepção humana estaria em contato com este problema e saberia que as coisas existem. A idéia primordial no início do conhecimento filosófico-científico apresentado pelos gregos demonstra que a objetividade não construía sua fundamentação em sentenças, sendo conhecida apenas a terminologia objetividade ontológica (WARD, 2006), porém, o jornalismo estaria baseado em sentenças que descrevem o mundo, ou melhor, as notícias seriam os moventes desta área (SOUSA, 2003). Portanto, que este termo tem a ver com o jornalismo? Ou melhor, este termo faz parte do jornalismo?

A história do conceito de objetividade jornalística faz parte dos debates na área há pouco tempo se comparada a história deste termo na filosofia e nas ciências em geral<sup>3</sup>. Porém, o problema levantado pelo jornalismo esbarra nas diferentes versões deste conceito outrora formulado por filósofos, cientistas e jornalistas.

Antes da verificação das idéias trazidas por alguns dos autores do jornalismo, a estratégia é montar um panorama sobre a objetividade, porém, é preciso delimitar onde seria possível uma objetividade jornalística. Levando em consideração o que faz o jornalismo possuir este conceito, alguns autores assinalam o jornalismo como o estudo das notícias e seus efeitos (SOUSA, 2003, p. 68). O que acontece com o processo das notícias e seus efeitos é a existência da apuração dos fatos ocorridos passíveis de apuração pelo homem (FONTCUBIERTA, 1998) – neste caso, o jornalista -, ou melhor, o que muitos autores do jornalismo não descartam é a existência de fatos que ocorrem e que são relatados jornalisticamente pelos profissionais da área, estes autores estão concordando com a visão dos primeiros pensadores gregos que delimitaram uma objetividade ontológica das coisas, ou seja, os pesquisadores na área do jornalismo não descartam a existência de coisas além dos homens, assim como os gregos pensavam quando formularam a noção de objetividade ontológica. Estes autores, na maior parte dos textos na área de teorias do jornalismo, aceitam a versão de um mundo exterior que pode ser reconfigurado – e pelo jornalista ele é reconfigurado como notícias (SOUSA, 2003), fazendo assim uma ligação ao termo *objetividade* desenvolvido pelos gregos clássicos. Porém, esta não é uma visão universal na área do jornalismo, assim como mostra o texto de Mário Mesquita apresentado na Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, anunciando uma *impossibilidade* da existência da realidade, ou uma

---

<sup>3</sup> Enquanto o jornalismo passou a ser investigado cientificamente por Tobias Peucer na Alemanha no ano de 1690, a filosofia e ciências em geral já faziam suas teorias acerca do conteúdo desde a era clássica da filosofia, como aponta Stephen Ward, Nicolas Abagnano, etc.



relatividade da realidade (MESQUITA, 2005). Contudo, a discordância com a conceitualização da objetividade jornalística apresentada por Ward é tão significativa que é preciso saber por onde devemos começar o levantamento conceitual e histórico do termo objetividade e objetividade jornalística.

### **A objetividade como valor ético**

O primeiro passo é a identificação do termo objetividade nos textos usados em muitas pesquisas da área, conhecidos como literatura básica. Os autores destacados com principais nesta esfera são Michael Schudson, que mostra em sua conceitualização uma tentativa de *ideologização* do termo objetividade em detrimento de um valor moral (SCHUDSON, 1978), seguindo os mesmos caminhos do pensamento de Walter Lippmann (LIPPMANN, 1922), outro autor citado em muitas obras de teorias do jornalismo. E por último, Robert Parck, que tem a idéia de levar a objetividade ao campo ético do jornalismo, imputando juízos de valores, subjetividade, etc (PARK, 1972).

No levantamento bibliográfico, são nítidas as referências do termo objetividade jornalística ligada intrinsecamente aos valores éticos da profissão (SCHUDSON, 1978). A questão passa a ser confundida entre objetividade e subjetividade jornalística (IGGERS, 1999). Sendo encarada desta maneira, Schudson, seguindo os argumentos de Lippmann (LIPPMANN, 1922), encara o problema da objetividade como um problema ideológico (SCHUDSON, 1978, p. 7), argumentando que este problema também persegue outras áreas, como direito, as ciências em geral, etc. Ainda na argumentação de Schudson, a proposta de conceitualização deste autor percorre no sentido de anunciá-la como um problema ideológico, e conseqüentemente um problema moral, assim como ele explica:

It should be apparent that the belief in objectivity in journalism, as in other professions, is not just a claim about what kind of knowledge is reliable. It is also a moral philosophy, a declaration of what kind of thinking one should engage in, in making moral decisions. It is, moreover, a political commitment, for it provides a guide to what groups one should acknowledge as relevant audiences for judging one's own thoughts and acts (SCHUDSON, 1978, p. 8).<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Tradução livre: Deveria ser evidente que a crença na objetividade no jornalismo, como em outras profissões, não é apenas uma reivindicação sobre que tipo de conhecimento é confiável. É também uma filosofia moral, uma declaração de que tipo de pensamento se deve exercer na tomada de decisões morais. É, aliás, um compromisso



Schudson levanta o problema da objetividade jornalística como um problema ético, pois segundo sua perspectiva, a totalidade dos fatos nunca poderá ser acessada, e por isto, o jornalista teria que selecionar uma parte desta realidade, ficando ao critério deste a escolha do "melhor" fato (SCHUDSON, 1978, p 135). A visão de Lippmann entra nesta gama de pensamentos, trazendo um realismo no qual não se pode ter certeza de ser totalmente alcançado, deixando o problema da objetividade para o campo das possíveis interpretações desta realidade (LIPPMANN, 1922). Em contrapartida a estas visões de Schudson e Lippmann, o autor Jeremy Iggers adota a postura de identificar a objetividade como um problema ético porque ele acredita ser uma técnica para interpretar a realidade que está à frente do jornalista, mas sempre com uma carga ideológica:

Objectivity may have as a method of systematic doubt, but in practice in its institutionalized form, it has become a sort of naive realism [...]. Objectivity have come to be a central to journalistic practice (IGGERS, 1999, p. 66)<sup>5</sup>.

Neste breve delineamento dos conceitos de objetividade jornalística, os três principais autores citados mostram que a objetividade está ligada ao problema ético da profissão, e como afirma Iggers, ela passa a ser uma técnica de procedimentos de uma verificação ingênua de um realismo denotado por eles.

Outros autores que seguem a mesma linha de argumentação expõem suas questões de modo que levam em consideração problemas vinculados às verbas publicitárias, que seriam mandatárias do processo de apuração dos fatos (AZEVEDO), e por isto exigiria da objetividade uma relação moral e ética que envolvesse conceitos como independência, credibilidade, profissionalização, etc (TUCHMAN, 1993).

Outro problema inerente ao conceito de objetividade no jornalismo nasce de acordo com a historicidade do termo apresentado pelos vários autores, principalmente aos autores que colocam a objetividade como um problema ético. Muitas das perspectivas sobre a objetividade apontam uma historicidade que não corresponde com outros estudos mais profundos sobre esta temática. O pensador Schudson afirma: "By

---

político, pois fornece um guia para que os grupos deve-se reconhecer como público-alvo para julgar os pensamentos de cada um e atos

<sup>5</sup> Tradução livre: A objetividade pode ter como um método da dúvida sistemática, mas, na prática, na sua forma institucionalizada, que se tornou uma espécie de realismo ingênuo [...]. Objetividade acaba sendo uma prática jornalística central



*the mid-thirties, the term "objectivity", unknown in journalism before World War I, appears to have been common parlance"* (SCHUDSON, 1978, p. 156)<sup>6</sup>. Com esta afirmação, Schudson já mostra que a historicidade apresentada pelos pesquisadores da área do jornalismo sobre o termo passou a valer a partir desta metade de 1930, ou passaram a se interessar e inserir o conceito a partir daí. Esta postura adotada por Schudson também se mostra em Iggers quando ele também afirma que o conceito de objetividade era desconhecido no jornalismo antes da Primeira Guerra Mundial (IGGERS, 1999, p. 62). Ou seja, uma possível interpretação deste problema é achar que a objetividade estaria sendo reinventada pelo jornalismo, deixando de lado toda aquela historicidade da filosofia sobre o termo.

### **A objetividade como problema epistemológico: da filosofia ao jornalismo**

Porém, alguns autores se debruçam sobre o conceito de objetividade de modo distinto aos autores mais recorrentes na área. A pesquisadora Liriam Sponholz assinala o termo objetividade como um produtor de conhecimento, e se ele é capaz de produzir conhecimento, então o problema deixa de ser ético e moral e passa a ser um problema epistemológico na área do jornalismo (SPONHOLZ, 2009, p. 78). Como na argumentação de Sponholz, a objetividade também é assinalada por outros autores do jornalismo como um problema epistemológico, como é o caso dos trabalhos de Stephanie Martin (MARTIN, 2004) e Gilles Gauthier (GAUTHIER, 2004).

De acordo com o estudo da pesquisadora Sponholz, o primeiro levantamento feito neste trabalho, de que os autores clássicos do jornalismo defendiam uma objetividade que não tinha uma determinada história fixada, tem certa fundamentação se se levar em conta o seguinte trecho:

Em uma análise cronológica de um termo polissêmico como objetividade, o primeiro aspecto a ser considerado é de que a história da objetividade não existe. Isto seria o mesmo que pressupor que esta idéia se desenvolveu por toda parte da mesma maneira. Ao considerar o que é entendido como objetividade hoje em dia, já se torna claro que o conceito assume novos significados de acordo com o contexto em que é utilizado. [...] Na literatura sobre jornalismo e história da imprensa na Alemanha, parece haver um consenso de que a idéia da objetividade só passou a ter importância de fato depois da Segunda Guerra mundial (Sponholz, 2009, p. 53).

---

<sup>6</sup> Tradução livre: Em meados dos anos trinta, o “termo” objetividade, desconhecido no jornalismo antes da I Guerra Mundial, parece ter se tornado de uso comum.



Para esta pesquisadora, a identificação da historicidade da objetividade é mórfica. Ora caracterizada como polissêmica, ora classificada com recém identificada na história do jornalismo. Mas a pesquisadora Stephanie Martin abre a discussão da objetividade jornalística na filosofia, buscando no filósofo John Searle uma fundamentação teórica para falar da objetividade no jornalismo (MARTIN, 2004).

Como visto anteriormente, Stephen Ward aponta o nascimento do termo objetividade nas origens do pensamento filosófico-científico na Grécia Antiga. Sendo assim, o termo é anteriormente filosófico para depois se tornar um termo jornalístico – levando em consideração que a filosofia possui trabalhos datados há mais de 2.500 anos, enquanto que o jornalismo é considerado por muitos uma ciência a partir do trabalho de Peucer no século XVII. Nos levantamentos de Martin sobre a objetividade, baseada nas pesquisas de Searle, o termo faz ligações com o levantamento feito por Stephen Ward, o que se leva a aceitar que existe uma linha reta sobre o termo objetividade – apesar de ser uma objetividade filosófica. Portanto, aquele primeiro levantamento historiográfico anunciado por Sponholz tornar-se-ia contraditório às pesquisas filosóficas sobre o termo colocando a historicidade da objetividade jornalística como polissêmica e sem história.

A história da objetividade que Ward apresenta, aponta para o que ele vai chamar de Objetividade Pragmática (WARD, 2006, p. 264). Ou seja, a objetividade acaba sendo um conceito que incorpora, tanto na filosofia quanto nas ciências sociais, uma espécie de conhecimento interpretativo (WARD, 2006, p. 263). Sendo mais específico na contraposição de argumentos, a pesquisadora Stephanie Martin usa os argumentos de Searle para defender a tese da existência de uma objetividade no jornalismo, apontando dois tipos de noções de objetividade e dois tipos de noção de subjetividade – modo contrário à objetividade segundo os pesquisadores (MARTIN, 2004, p. 153, p. 154, p. 155).

No início deste trabalho, viu-se a idéia de que os jornalistas (via de regra) aceitam a existência de um mundo exterior que pode ser descrito na forma de notícias ou outros produtos jornalísticos (SOUSA, 2003; FONTCUBIERTA, 1998), caracterizando um “realismo externo” (SEARLE, 2000, p. 44). Mas para entender todo o processo de compreensão dos modos de objetividade, Searle constrói o seu argumento partindo de alguns pressupostos *realistas*, como a *posição-padrão*, até a caracterização da consciência como fonte de acesso a tudo o que antecede no estado da objetividade



(SEARLE, 2000). Para não deixar o trabalho demasiado longo, apenas será posto a idéia deste autor de forma geral e sem pormenorização dos conteúdos e conceitos.

Na perspectiva de Searle, o mundo exterior a nós existe. Todos os nossos avanços na ciência e na vida acontecem porque este mundo que existe exterior a nós é aceito como um mundo real e seria impossível negá-lo, pois para negá-lo é preciso afirmá-lo. Porém, nós nos damos conta de sua existência porque existe um acesso perceptivo nosso com ele. E a nossa linguagem passa a dar conta das significações dos eventos e objetos que ali existem, mas esta linguagem pode ser verdadeira ou falsa, dependendo se há correspondência com os fatos e coisas deste mundo (SEARLE, 2000, p. 18, p. 19). Esta visão de Searle sobre o mundo exterior cai na mesma perspectiva dos autores supracitados no início do trabalho em relação ao jornalismo citar os fatos do mundo exterior. A idéia é mostrar que o mundo pode ser acessado por nós, desconstruindo com as perspectivas relativistas de acesso fracionado a este mundo (MORETZSOHN). Sendo assim, este mundo que é acessado por nós por meio dos sentidos possui a característica de ser *Ontologicamente Objetivo*. Estas coisas que são ontologicamente objetivas se contrapõem com as coisas que são *Ontologicamente Subjetivas*. A filosofia de Searle, na qual Stephanie Martin se baseia para formular a objetividade no jornalismo, faz esta distinção usando o exemplo da dor e da montanha – deixando entendida a compreensão da posição-padrão que não foi explicada satisfatoriamente neste trabalho.

Ontologiquement parlant, ces deux concepts sont des caractéristiques des entités ou des groupes d'entités. Ils décrivent le mode d'existence d'un objet ou d'un état de choses. À titre d'exemple, Searle compare les deux entités suivantes : la douleur et une montagne. La douleur a besoin de l'humain pour exister, elle est tributaire de celui-ci. Sans l'humain, la douleur n'existerait pas. Elle est subjective à l'homme qui la ressent. Elle est donc ontologiquement subjective. Mais la montagne existerait même sans la présence de l'humain, elle a un mode d'existence indépendant de la perception de l'homme (MARTIN, 2004, p. 153)<sup>7</sup>.

Assim, a exposição de Martin, apoiada em Searle, fala das coisas que existem, porém, não estão passíveis ainda às sentenças e no escopo da linguagem, pois ela caracteriza de um lado os fatos e coisas existentes independentes do ser humano – ontologicamente

---

<sup>7</sup> Tradução pelo autor: Ontologicamente falando, esses dois conceitos são características das entidades ou grupos de entidades. Eles descrevem o modo de existência de um objeto ou uma situação. Por exemplo, Searle compara as duas seguintes entidades: a dor e a montanha. A dor necessita dos humanos para existir, ela é dependente deles. Sem os seres humanos, a dor não existiria. Ela é subjetiva ao homem que a sente. É, portanto, ontologicamente subjetiva. Mas a montanha existe mesmo sem a presença de seres humanos, tem um modo de existência independente das percepções humanas.



objetivo – e das coisas que existem para os sentidos dos seres humanos, mas que só estão no âmbito dos sentidos – ontologicamente subjetivo, construindo o conceito de *posição-padrão*. Este conceito de ontologicamente subjetivo, Searle enfatiza que ela só faz valer nos estágios de consciências enquanto que a primeira é independente:

[...] os estatutos conscientes são subjetivos no sentido de serem sempre experimentados por um sujeito humano ou animal. Portanto, os estados conscientes têm o que se pode chamar de “ontologia da primeira pessoa”. Ou seja, existem apenas do ponto de vista de algum agente, organismo, animal ou pessoal que os possua. [...] Uma dor só existe quando é experimentada por algum agente – ou seja, por um “sujeito”. Entidades objetivas, como montanhas, têm um modo de existência na terceira pessoa. Sua existência não depende de seres experimentados por um sujeito (SEARLE, 2000, p. 47).

Portanto, quando os argumentos sobre a objetividade referem-se a um realismo de acesso a toda a totalidade dos fatos, assim como Mário Mesquita aponta (MESQUITA, 2005), ou que Iggers assinala (IGGERS, 1999), eles estão remontando a primeira concepção de objetividade, porém, esta concepção não é passível de linguagens, sentenças ou o qualquer outro procedimento que o jornalismo possua. Este primeiro conceito sobre a objetividade constrói a identificação das coisas no mundo enquanto existentes, deixando a explicação e a crítica para a próxima concepção de objetividade apontada por Martin.

### **A objetividade epistemológica: o conceito de objetividade vinculado às sentenças ou notícias**

Nada mais direto que a afirmação de Stephanie Martin sobre a objetividade e subjetividade epistemológica:

Épistémiquement parlant, l’objectivité et la subjectivité sont des caractéristiques des énoncés. Pour d’terminer l’objectivité ou la subjectivité épistémique, l’analyste doit deonc observe les *énoncés*. Les énoncés ou jugements épistémiquement objectifs ont une valeur de vérité (MARTIN, 2004, p. 154)<sup>8</sup>.

Ou seja, a objetividade epistemológica tem ligação restrita com os enunciados, sentenças, e no caso do jornalismo, notícias – que não são nada a mais que sentenças –

---

<sup>8</sup> Tradução pelo autor: Epistemologicamente falando, objetividade e subjetividade são características de enunciados. Para determinar a objetividade ou a subjetividade epistemológica, o analista deve observar os enunciados. As declarações ou os julgamentos epistemologicamente objetivos têm valor de verdade.





(FONTCUBIERTA, 1998). E segundo a pesquisadora Liriam Sponholz, a objetividade epistemológica deve ter uma adequação à realidade (SPONHOLZ, 2009, p. 18). Esta adequação com a realidade seria nada mais que as sentenças que falam daquele mundo ontologicamente objetivo ou subjetivo. Mas, contrária à visão de Searle e Martin, Sponholz anuncia que a objetividade jornalística “*deve ser entendida como a percepção da realidade guiada por normas e regras profissionais*” (Bentele, *Apud* SPONHOLZ, 2009, p. 149). Nas pesquisas de Stephanie Martin, o conceito de objetividade tem caráter de problema conceitual, enquanto que neste trecho citado de Sponholz, a idéia de objetividade passa a se tornar um problema de estratégias profissionais, dando a entender que a pesquisadora, apesar de dispor de um problema epistemológico em relação à objetividade, coloca problemas éticos, assim como Stephen Ward faz com a sua teoria da objetividade pragmática (WARD, 2006, p. 261). A estratégia adotada por Searle é imputar na objetividade ou subjetividade epistemológica valores de verdade e falsidade. Caso haja a possibilidade de serem imputados estes valores, o conceito é de objetividade, caso não, o fato estaria sendo tratado pelos juízos de valores de cada sujeito:

Uma afirmação é considerada objetiva se pode ser reconhecida como verdadeira ou falsa independentemente dos sentimentos, atitudes e preconceitos das pessoas. Uma afirmação é epistemologicamente subjetiva se sua verdade depende essencialmente das atitudes e sentimentos dos observadores (SEARLE, 2000, p. 48).

Assertivamente, segundo esta visão apontada por John Searle, as noções de objetividade e subjetividade epistemológica estão restritamente relacionadas aos problemas dos enunciados. Ou seja, esta concepção seria a visão possível de objetividade jornalística universal, excluindo aquelas primeiras interpretações que defendem uma objetividade no campo da ética (SCHUDSON, 1978), ou que excluem a noção de objetividade (MESQUITA, 2005). Martin, por fim, anuncia: a objetividade é uma característica dos fatos (MARTIN, 2004, p. 160). Fica, portanto evidenciado a contraposição adotada pelo termo desde Schudson, Lippmann, Park, entre outros, para esta visão. Ou seja, a posição aqui adota mostra que o termo objetividade pouco tem a ver com problemas éticos da profissão e também não é uma técnica ou normas de verificação jornalística. A objetividade jornalística é, segundo Gauthier e Martin, uma característica de verdadeiro e falso dos enunciados.

Diante destes problemas, poder-se-ia perguntar o motivo das sentenças



subjettivas não serem testadas como as sentenças objetivas, ou seja, o fato delas não possuírem valores de verdade. A questão de não levar em conta as sentenças subjettivas é levantada porque “*não podemos observar a consciência da maneira como observamos montanhas e oceanos*” (SEARLE, 2000, p. 68). Ou seja, os desejos, os sentimentos, e tudo mais que torna dependente do sujeito que as sente, só terá um padrão de objetividade se exteriorizado em forma de sentença. E este é o trabalho de Stephanie Martin: mostrar que existem diferentes objetividades e subjettividades e também que as objetividades podem possuir níveis de maior ou menor objetividade epistemológica. Portanto, a idéia principal é mostrar que determinadas sentenças jornalísticas podem receber o critério de objetividade, porém, quando as sentenças se deparam com juízos de valores ou desejos, a objetividade não pode ser mais testada, imputando neste momento o conceito de subjettividade (MARTIN, 2004).

Exemplificando esta problemática têm-se quatro tipos de sentenças possíveis (SEARLE, 2000 & MARTIN, 2004): [a] epistemologicamente objetivas de fatos ontologicamente objetivos; [b] epistemologicamente objetiva de fatos ontologicamente subjettivos; [c] epistemologicamente subjettiva de fatos ontologicamente objetivos; e por fim [d] epistemologicamente subjettiva de fatos ontologicamente subjettivos. Cada qual pode ser representado da seguinte maneira:

- [a] A montanha não tem vegetação;
- [b] As eleições presidenciais ocorreram ontem;
- [c] A montanha é bela;
- [d] A dor do Sócrates foi injusta.

O que pode ser obtido como fatos de objetividade jornalística, segundo Martin e Gauthier, são as duas primeiras sentenças, que podem ser testadas pelo seu nível de verdade ou falsidade de acordo com a relação com a realidade, enquanto que as duas últimas (as sentenças exemplificadas em C e D) só são possíveis se o orador acredita naquele fato, porém, outro sujeito poderia discordar de ambas as sentenças, diferentemente das duas primeiras sentenças, que não podem ser discordadas pelo grau de correlação com o mundo, mas dever-se-ia alertar sobre aquela sentença de Searle que diz que não podemos observar a consciência como fazemos com as coisas existentes no mundo. Ou seja, se caso houver uma montanha sem vegetação, não importaria a perspectiva do sujeito, suas inclinações ou sentimentos, a montanha não terá vegetação!



O mesmo com o problema das eleições, porém, o critério aqui é mais complexo, porque entraria na questão da intersubjetividade e na construção da realidade social (SEARLE, 2000, p. 113). Enquanto que uma montanha pode ser bela para um e assustadora para outro, ou uns acharem que a dor de Sócrates foi justa e outros injusta.

Colocada desta maneira a questão da objetividade jornalística, o problema passa a ser de responsabilidade da teoria do conhecimento do jornalismo, ou seja, a questão evocada pela objetividade é epistemológica. E para os que atacam a visão de que não é possível atingir a totalidade dos fatos (IGGERS, 1999), a objetividade “*não se trata de investigar tudo, mas sim todos os aspectos diretamente ligados à questão central que o jornalista pretende responder, ao enquadramento do tema que ele escolheu*” (SPONHOLZ, 2009, p. 164). Com este tipo de abordagem, pode-se testar a objetividade de modo universal ao público e aos jornalistas, e a objetividade jornalística de um fato só seria possível se as sentenças correspondessem com o fato.

## CONCLUSÃO

Apesar de não serem tratadas como construímos o mundo por nossa consciência e também como construímos o mundo social, a objetividade aqui evocada mostra que é possível um grau universal de compreensão dos fatos e das notícias (SPONHOLZ, 2009). Sendo assim, o trabalho a partir daqui é mostrar que desta perspectiva epistemológica o jornalismo é um produtor de conhecimento, embora seja somente o conhecimento dos fatos e não da realidade científica natural. A partir deste ponto, vê-se que as teorias mais recorrentes da questão da objetividade ser um conceito ético passaram a ser contrárias a esta perspectiva mostrada por Martin, baseada na filosofia e na história do termo objetividade.

Esta discordância conceitual se vê de forma mais clara quando levantada a historicidade do termo por Stephen Ward, no qual apontou uma longa história do conceito remontando o período clássico da filosofia grega, enquanto que os pontos de discussão sobre a objetividade jornalística partiam de uma suposta criação e retomada a partir da Primeira Guerra Mundial. O levantamento historiográfico demonstrou que a diferença conceitual do termo objetividade, segundo as perspectivas mais recentes, era equivocada, portanto, necessitaria de uma retomada à historicidade do termo, a fim de reconstruí-lo conceitualmente. A objetividade, embora nascida em outra área do



conhecimento, é fortemente ligada à área do jornalismo, como demonstrou Stephanie Martin na busca dos princípios deste conceito na filosofia de John Searle (MARTIN, 2004).

Seguindo a pesquisa de Martin e Gauthier, o problema da objetividade jornalística se dá apenas no âmbito das sentenças, ou os *énoncés*. Este problema das sentenças nos remete a outro problema não levantado: a verdade jornalística. A verdade jornalística é tratada por muitos autores como um sinônimo de objetividade (MARTIN, 2004, p. 144), portanto, esta não é a questão, embora a objetividade necessite da verdade para se valer como tal. Os critérios de verdade podem até se confundir com os de objetividade num primeiro momento, porém, a objetividade levantada por Martin, Gauthier e Searle aponta que uma sentença só é objetiva se ela for passível de verdade ou falsidade (SEARLE, 2000, p. 48), porém, ela é distinta da verdade ou da falsidade em conceito. Seria necessária uma explicação tão pormenorizada quanto esta sobre a objetividade acerca da verdade. E como primeiro passo, fica compreendido que a objetividade não necessitaria de valores éticos, morais ou de técnicas profissionais para se valer, como foi mostrado neste trabalho. A objetividade jornalística só é possível se uma sentença corresponder com o mundo.



## Referências bibliográficas

- ABAGNANO, Nicolas. **Dicionário de Filosofia**. Martins Fontes. São Paulo. 2006.
- AZEVEDO, Fernando A. **Imprensa, cobertura eleitoral e objetividade: a eleição de 2000 na capital paulista**. Acessado pelo sítio: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-62762001000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762001000200003)
- FONTCUBERTA, M. **La Noticia: Pistas para percibir el mundo**. Paidós. Barcelona. 1998.
- GAUTHIER, Gilles. **La Vérité : Visé obligée du journalisme**. Les Cahiers du journalisme. N°13. 2004.
- IGGERS, Jeremy. **Good News, Bad News : Journalism Ethics and the public interest**. Westview Press. Colorado. 1999.
- LIPPMANN, Walter. (1997) **Public Opinion**. New York, Free Press Paperbacks (1ª edição: 1922). Versão Digitalizada.
- MARTIN, Stephanie. **Vérité et objectivité journalistique: même contestation ?** Les Cahiers du journalisme. N° 13. 2004.
- MESQUITA, Mário. **Teorias e práticas do jornalismo – da era do telégrafo ao tempo do hipertexto**. Revista brasileira de ciências da comunicação. Vol. XXVIII, nº2, junho/dezembro. 2005.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Profissionalismo e objetividade: o jornalismo na contramão da política**. <http://www.bocc.uff.br/pag/moretzsohn-sylvia-profissionalismo-jornalismo.pdf>.
- PENA, Felipe. **Indústria da notícia: Jornalismo, a objetividade subjetiva**. Acessado pelo sítio: <http://www.observatorioidaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=419JDB004>
- SCHUDSON, Michael. **Discovering the news: A social history of American Newspapers**. Basic Books. 1978.
- SEARLE, John. **Mente, Linguagem e Sociedade**. Rocco. Rio de Janeiro. 2000.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. Edições UFP. Porto. 2003.
- SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, Conhecimento e Objetividade: Além do espelho e das construções**. Editora Insular. Florianópolis, 2009.
- TUCHMAN, G. **A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas**. 1993 (Versão Digitalizada).
- WARD, Stephen. **The Invention of journalism Ethics: the path to objectivity and beyond**. MQUP. Quebec. 2004.